

# Representações literárias da imagem feminina autóctone no processo de colonização da América Latina ao longo dos séculos: da subjugação à resistência do povo taíno

*Representaciones literarias de la imagen femenina autóctona en el proceso de colonización de América Latina a lo largo de los siglos: de la subyugación a la resistencia del pueblo taíno*

Tatiane Cristina Becher

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

[taati.becher@gmail.com](mailto:taati.becher@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3643-0446>

Gilmei Francisco Fleck

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

[chicofleck@yahoo.com.br](mailto:chicofleck@yahoo.com.br)

<https://orcid.org/0000-0002-4228-2566>

## RESUMO

Apresentamos, neste artigo, uma análise comparativa das obras *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, e *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat, na intenção de demonstrar as divergências nas representações literárias da imagem da líder taína Anacaona – cacica da ilha de Guanahaní (batizada por Cristóvão Colombo como “*La Española*”, em 1492) –, personagem histórica majoritariamente subjugada dos principais registros da historiografia tradicional hegemônica europeia sobre o processo de colonização da América Latina. Para tanto, apoiamos-nos teoricamente nos pressupostos de autores como Fleck (2017, 2023), Mignolo (2007, 2017), Vallejo (2015) e Vergès (2020). As obras analisadas divergem em sua criticidade perante a historiografia tradicional.

**Palavras-chave:** Anacaona; romance histórico; estudos decoloniais; resistência feminina autóctone; Literatura Comparada.

## RESUMEN

Presentamos, en este artículo, un análisis comparativo de las obras *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, y *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat, con la intención de demostrar las divergencias en las representaciones literarias de la imagen de la líder taína Anacaona – cacica de la isla Guanahaní (bautizada por Cristóbal Colón como “La Española”, en 1492) –, personaje histórico mayormente subyugado en los principales registros de la historiografía tradicional hegemónica europea sobre el proceso de colonización de América Latina. Para ello, nos apoyamos teóricamente en los postulados de autores como Fleck (2017, 2023), Mignolo (2007, 2017), Vallejo (2015) y Vergès (2020). Las obras analizadas divergen en su criticidad frente a la historiografía tradicional.

**Palabras clave:** Anacaona; novela histórica; estudios decoloniales; resistencia femenina autóctona; Literatura Comparada.

## INTRODUÇÃO

Os estudos decoloniais têm revisitado, hodiernamente, os registros históricos oficializados sobre as empreitadas colonizadoras, dos séculos XV e XVI na América Latina, de nações como Espanha e Portugal. Tal intento dá seguimento a vários processos anteriores de revisão histórica crítica na América Latina, já feitos tanto no contexto da Nova História (Burke, 1992) quanto no âmbito das escritas híbridas de história e ficção (Aínsa, 1991; Menton, 1993; Esteves, 2010; Fleck, 2017). Nesse sentido, “*la decolonialidad es, entonces, la energía que no se deja manejar por la lógica de la colonialidad, ni se cree los cuentos de hadas de la retórica de la modernidad* (Mignolo, 2007, p. 27).<sup>1</sup> Por meio dessas pesquisas e das ressignificações literárias críticas presentes no gênero romance histórico, muitas personagens históricas, majoritariamente subjugadas ou ocultadas pela historiografia tradicional hegemônica europeia, ganharam espaço para figurar, atualmente, no imaginário coletivo.

Uma dessas personagens excluídas dos principais registros sobre a colonização da América, entre praticamente todas as demais que se enfrentaram com os colonizadores, foi a

---

<sup>1</sup> Nossa tradução: A decolonialidade é, então, a energia que não se deixa dominar pela lógica da colonialidade, nem acredita nos contos de fadas da retórica da modernidade (Mignolo, 2007a, p. 27).

líder taína Anacaona, cacica da ilha de Guanahaní – batizada por Cristóvão Colombo de *La Española*, em 1492, e atual território das nações do Haiti e da República Dominicana. Essa cacica apesar de haver sido uma das únicas figuras representativas do poder feminino autóctone na resistência da América Latina – junto a Malinche, que desempenhou papel relevante na “conquista” do México ao lado de Hernán Cortés – frente à colonização a ter indícios de suas ações na prática escritural dos colonizadores, à época das ações realizadas. Tal prática de exclusão tanto das ações femininas quanto de qualquer outra de resistência era comum aos registros escriturais oficiais da época, não deixando, assim, fontes consagradas pela historiografia tradicional que revelam tais ações.

Essa cacica taína, segundo os poucos registros dela existentes, entre eles os de Frei Bartolomé de Las Casas ([1552] 2011; ([1875] 1957), foi enforcada e teve sua comunidade dizimada, em 1503, pelos exploradores espanhóis. O contingente de exploradores, praticamente, exterminou a população nativa da ilha de Guanahaní/“*La Española*”, em expedições que garantiram o domínio desse território para a coroa espanhola durante o processo de colonização da América, iniciado em 1492, quando Cristóvão Colombo aportou nessa ilha, pela primeira vez, em sua tentativa pioneira de chegar às Índias pela via Oeste.

A atuação dessa líder taína, no entanto, não figura de maneira representativa nos anais da historiografia tradicional hegemônica europeia, o que constatamos pela análise de escritos como o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas* (1493-1495), de Cristóvão Colombo, *De Orbo Novo* ([1530] 1912), do cronista Pietro Martire d’Anghiera, e *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011) e *Historia de las Indias* ([1875] 1957), do Frei Bartolomeu de Las Casas. Esses são alguns dos registros de sujeitos que participaram dos eventos históricos que apresentam indícios da atuação de Anacaona.

Tal ocultamento serve-nos, hoje, de comprovação da sistemática exclusão e do apagamento nos registros escriturais dos colonizadores das ações daqueles sujeitos resistentes às suas ações colonialistas, já que eles, conforme assegura Pastor (1983) precisavam gerar uma imagem positiva e heroica sua diante da nobreza europeia a quem dirigiam suas escritas. Nesse contexto revisionista do passado da América Latina, o papel tanto das correntes da Nova História quanto as escritas híbridas de História e ficção críticas

– romances históricos –, iniciadas no contexto da Nova Narrativa Latino-americana, nas décadas de 1930 -1940 (Klock, 2021) e intensificadas na era do *boom* da Literatura Latino-americana – décadas de 1960-1970 (Menton, 1993; Fleck, 2017) – são vias privilegiadas de ressignificação do passado.

Nesse contexto, as narrativas híbridas de História e ficção que ficcionalizam a figura de Anacaona tornam possível que a memória dessa líder e de seu povo taíno seja ressignificada diante do apagamento histórico ao qual foram submetidos pelos registros históricos oficializados. Apresentamos, neste artigo, uma análise comparativa de duas obras que protagonizam a personagem Anacaona e suas ações de diferentes maneiras: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, e *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat. Nossa intenção é demonstrar as divergências na representação ficcional pelo romance histórico, em sua trajetória diacrônica (Fleck, 2017), da figura dessa autóctone ao longo dos séculos e, também, enfatizar a importância da leitura de obras que apresentam um viés crítico e decolonial sobre a colonização da América na atualidade.

Nossa base teórica é fundamentada em autores como: Aínsa (1991), Fleck (2017, 2023) Menton (1993), entre outros, sobre o romance histórico; os estudos decoloniais de Mignolo (2007, 2017); a pesquisa de Vallejo (2015), sobre as ideologizações em torno da imagem de Anacaona; Vergès (2020), com pressupostos do feminismo decolonial. A primeira seção do artigo apresenta a análise das menções à Anacaona e à sua comunidade taína nos registros da historiografia tradicional hegemônica europeia dos séculos XV e XVI. A segunda seção é voltada às representações ficcionais de Anacaona nas obras *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, e *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat.

## **OS REGISTROS DA HISTORIOGRAFIA TRADICIONAL SOBRE ANACAONA E O POVO TAÍNO**

Os registros de Cristóvão Colombo, como o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas de relação* (1493-1495), são alguns dos documentos mais amplamente conhecidos sobre o processo de colonização da América. Nos escritos de Colombo, porém, não há qualquer

menção à existência de Anacaona, ainda que existam extensas narrativas sobre a atuação do marido dessa cacica, Caonabó, que também foi capturado e morto pelos exploradores espanhóis. Essa omissão faz parte do próprio caráter da retórica da modernidade/civilidade (Mignolo, 2017b) que implementou a colonização na América e que, de fato, começou a nascer com esses registros oficiais primeiros da chegada dos europeus ao nosso continente, porque “*el colono hace la historia y sabe que la hace. [...] La historia que él escribe no es, pues, la historia del país al que despoja, sino la historia de su nación, en tanto que ésta piratea, viola y hambrea* (Fanon, 1983, p. 25).<sup>2</sup>

Outro registro considerado significativo pelas nações europeias sobre a época da colonização do continente americano é o do cronista Pietro Martire d’Anghiera, historiador italiano a serviço da coroa espanhola durante a era das grandes navegações, que compilou, em sua obra *De Orbo Novo* ([1530] 1912), os primeiros registros das viagens exploratórias à América Central e do Sul pelos espanhóis, em uma série de cartas e relatórios. A obra foi originalmente escrita em latim, dividida em 10 capítulos, denominados “décadas”, os quais descrevem os primeiros contatos entre europeus e nativos americanos. Anghiera baseou seus escritos nas Cartas (1493-1495) de Cristóvão Colombo à coroa espanhola, entrevistas com o próprio Colombo e com outros viajantes que voltavam do “Novo Mundo” e registros do Conselho das Índias, órgão administrativo colonial espanhol que se encarregava da colonização dos territórios ultramarinos denominados “Índias” (Américas e Filipinas).

Diferentemente dos escritos de Colombo, Anghiera ([1530] 1912) faz alusão à figura de Anacaona, e a descreve como “ex-esposa de Caonabó, rei de Cibao, [...] graciosa, inteligente e prudente” (Anghiera, [1530] 1912, p. 123). Segundo o relato de Anghiera, Anacaona tentou estabelecer uma convivência pacífica com os colonizadores espanhóis, convencendo seu irmão Bohechio a se submeter a eles, após “ter aprendido uma lição com o exemplo de seu marido”, referência de Anghiera ([1530] 1912) feita à captura de Caonabó, marido de Anacaona.

---

<sup>2</sup> Nossa tradução: [...] o colono faz a história e sabe que a faz. [...]. A história que ele escreve não é, pois, a história do país ao qual ele despoja, mas, sim, a história de sua nação, enquanto essa pirateia, viola e padece de fome (Fanon, 1983, p. 25).

Anghiera ([1530] 1912) restringe-se a menções sobre a beleza e a destreza da líder autóctone em suas crônicas – escritas a partir dos relatos de Colombo e de outras testemunhas que viajaram ao “Novo Mundo”. Porém, não encontramos, em sua obra, qualquer alusão ao assassinato dessa cacica ou ao massacre de sua comunidade, Xaraguá. Assim, vidas, acontecimentos e corpos ficam perpetrados, estáticos, nos registros do passado produzidos sob aquele olhar e aquela intenção que convém a quem os produz ou reproduz, ou àqueles a quem esses privilegiados conhecedores da arte de escrever estiveram, também, subordinados.

Contrastamos, aqui, os escritos de Colombo e de Anghiera com aqueles feitos pelo Frei Bartolomeu de Las Casas (1474/1484 – 1566), frade dominicano espanhol, que presenciou os fatos ocorridos com Anacaona. Las Casas escreveu *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011) e *Historia de las Indias* ([1875] 1957), registros que apresentam suas vivências junto aos exploradores espanhóis, inclusive, nos primeiros contatos que tiveram com os nativos americanos no período da colonização. O relato de Las Casas apresenta a perspectiva mais divergente com relação a outros documentos que contêm testemunhos de sujeitos participantes das expedições de colonização europeia na América. Isso por ser um dos únicos registros provenientes de uma testemunha dessas viagens à América que retratam, com detalhes, vários dos massacres de nativos realizados pelos colonizadores europeus.

Cabe ressaltar, no entanto, que Las Casas também atuou sob o comando de um império expansionista. Apesar de haver sido um dos únicos sujeitos a reportar os genocídios cometidos pelos colonizadores na América, Las Casas foi um eclesiástico que trabalhou para a conversão dos nativos ao cristianismo. Ao mesmo tempo em que reconhecia que aquele povo tinha, de fato, alma, considerava seu dever convertê-la às crenças das nações colonizadoras, corroborando, assim, os domínios da coroa no continente americano. Sobre essa “conquista espiritual”, Dussel (1994) aponta a contradição de uma religião que pregava o amor ao mesmo tempo em que empregava uma conquista violenta, por meio da qual os indígenas tiveram seus direitos, cultura, deuses e sua própria civilização negada, em nome de um deus estrangeiro.

Segundo o relato de Las Casas, certa vez, quando estabelecidas as colônias espanholas no território da Ilha, o governador, Nicolas Ovando, que fora designado pela corte, após as

desavenças de Colombo com o poder monárquico, para governar a região, dizimou a comunidade chefiada por Anacaona. No relato do frei, lemos:

*Aquí llegó una vez el gobernador que gobernaba esta isla con sesenta de caballo y más treientos peones, que los de caballo solos bastaban para asolar a toda la isla y la tierra firme, y llegaron más de treientos señores a su llamado, seguros, de los cuales hizo meter dentro de una casa de paja muy grande los más señores por engaño, y metidos les mandó poner fuego y los quemaron vivos. A todos los otros alancearon y metieron a espada con infinita gente, y a la señora Anacaona, por hacelle honra, ahorcaron (Torrejón, [1552] 2011, p. 28).<sup>3</sup>*

Com base em nossa análise dos excertos provenientes da historiografia tradicional, vemos que, apesar de ter sido uma figura representativa de poder em suas terras, e de resistência ao colonialismo espanhol, não encontramos menções significativas, em documentos históricos ou bibliografias de outra natureza, que descrevam as ações de Anacaona. Como resultado desse quase apagamento da personagem na História oficializada, e a conseqüente pouca atenção que ela recebeu por historiadores até os dias atuais, sua figura é, na verdade, praticamente desconhecida, inclusive em países latino-americanos, como no Brasil.

Recuperar essas imagens e trazê-las à memória hodierna é, desde nosso ponto de vista, uma ação descolonizadora e um dos meios eficientes de, na atualidade, cultivar o pensamento decolonial – e as ações práticas que dele devem derivar –, já que a ação de resistência da personagem Anacaona é traço identitário da mulher que, pelo discurso colonialista, sempre foi subjugada, minimizada e, tantas vezes, silenciada nos registros oficializados. Um dos espaços nos quais a reconfiguração da imagem dessa líder taína faz-se possível é no universo literário. É nesse espaço de representação que se pode visualizar, hoje, que “*la inmovilidad a que está condenado el colonizado no puede ser impugnada sino cuando el colonizado decide poner término a la historia de la colonización, a la historia del pillaje, para hacer existir la*

---

<sup>3</sup> Nossa tradução: Certa vez, aqui chegou o governador que governava esta ilha, com sessenta cavaleiros e mais trezentos peões, sendo que apenas os que estavam a cavalo bastavam para destruir toda a ilha e o continente, e mais de trezentos chefes vieram ao seu chamado, seguros, os quais ele mandou colocar a maioria dentro de uma casa de palha muito grande por engano e, quando eles entraram, ordenou que ateassem fogo e os queimassem vivos. A todos os outros alancearam e mataram muita gente com a espada, e a chefe, Anacaona, para honrá-la, enforcaram (Torrejón, [1552] 2011, p. 28).

*historia de la nación, la historia de la descolonización* (Fanon, 1983, p. 25).<sup>4</sup> Assim, apresentamos, na sequência deste artigo, a análise de duas obras que ficcionalizam a história de Anacaona e de seu povo a partir de diferentes vieses.

## DO TRADICIONALISMO/EXALTAÇÃO ÀS RESSIGNIFICAÇÕES CRÍTICAS DA IMAGEM FEMININA AUTÓCTONE

Voltamo-nos, nesta parte do artigo, à análise comparativa de dois romances históricos, um deles acrítico – do século XIX – com relação ao discurso historiográfico tradicional – a obra *Flor de Oro (Anacaona, Reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, escritor espanhol –, e outro com um viés crítico/decolonial inserido no século XXI – o romance *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat, escritora com dupla nacionalidade, haitiana e estadunidense.

Apresentamos, primeiramente, o resumo da diegese do romance romântico de Orellana (1860), *Flor de Oro (Anacaona, Reina de Jaragua)*. Esse relato ficcional contextualiza a primeira viagem dos navegantes espanhóis ao solo americano (em 1492), incluindo eventos do ano de 1493, e a segunda, em 1494, diferentemente do referencial teórico da historiografia tradicional, que aponta os anos de 1492 e 1493 como as primeiras viagens de Cristóvão Colombo à ilha originalmente denominada Guanahaní/“*La Española*” pelos nativos taínos. O nome nativo originário da ilha, Guanahaní, não é registrado em nenhum momento na obra.

A diegese de Orellana (1860) relata os embates travados entre os exploradores espanhóis e os nativos taínos, que levaram à captura do cacique Caonabó, culpado pelo assassinato de um grupo de espanhóis que haviam ficado na ilha quando Colombo regressou à Espanha pela primeira vez. A personagem Anacaona, desde o primeiro encontro com os

---

<sup>4</sup> Nossa tradução: O colono [colonizador] faz a história e sabe que a faz. E, como se refere constantemente à história da metrópole, indica, claramente, que está aqui como prolongação dessa metrópole. A história que ele escreve não é, pois, a história do país ao qual ele despoja, mas, sim, a história da sua nação, enquanto essa sua nação pirateia, viola e passa fome. A imobilidade à qual está condenado o colonizado não pode ser impugnada a não ser quando o colonizado mesmo decide por término à história da colonização, à história da pilhagem, para fazer existir a história da sua nação, a história da descolonização (Fanon, 1983, p. 25).

navegantes estrangeiros, reconhece a superioridade desses viajantes e agradece-os por conterem os ímpetos violentos de seu marido, Caonabó, quem levaria o povo taíno à ruína em sua busca por vingança dos homens brancos. No relato, a cacica taína estabelece uma amizade com os espanhóis, ainda que continue lutando ao lado de seu povo. As primeiras palavras da taína são: “– *Español, amiga yo*”<sup>5</sup> (Orellana, 1860, p. 13), e continua em língua haitiana, talvez por não conhecer outras palavras espanholas: “– *Yo amo á los blancos y no quiero su muerte: vengo á salvarte á tí y á los tuyos, porque soy agradecida*” (Orellana, 1860, p. 13).<sup>6</sup>

Ao longo da diegese, diversas desavenças acontecem, também, entre os próprios colonizadores espanhóis, pois alguns deles não respeitam a autoridade de figuras como a de Cristóvão Colombo, e acabam criando desavenças e rebeliões entre o grupo. Porém, Colombo, nessa configuração romanesca, sempre se porta de maneira sábia e honrosa, priorizando manter a paz entre seus homens, mesmo que isso signifique sacrificar a ele mesmo. As rebeliões são controladas e Colombo segue liderando seu grupo durante as empreitadas colonizadoras no novo continente, até a nomeação de Nicolás de Ovando como novo governador de *La Española*, pelos reis católicos, os quais decidem que o regresso de Colombo ao comando da colônia não seria a melhor decisão naquele momento, pois o navegante havia sido injustamente condenado por tiranos como Bobadilla, que o acusaram falsamente de uma má gestão da ilha, com o intuito de tirá-lo do poder.

Na sequência da diegese, típica do momento romântico, temos a inserção do trio amoroso que movimenta as ações relatadas, pois a filha de Caonabó e Anacaona, Higuamota, apaixona-se pelo espanhol Hernando de Guevara. Porém, outro colonizador, Julian de las Casas, também se apaixona por Higuamota, mas não é correspondido. Como vingança, Julian acusa, falsamente, Anacaona de uma conspiração contra o grupo de exploradores em sua ilha. O governador, Ovando, parte, então, para Jaraguá com o objetivo de suprimir supostas ações de rebeldia.

---

<sup>5</sup> Nossa tradução: – Espanhol, amiga eu (Orellana, 1860, p. 13).

<sup>6</sup> Nossa tradução: Amo os brancos e não quero a morte deles: venho salvar a você e aos seus, porque lhes sou grata (Orellana, 1860, p. 13).

A voz enunciativa comenta que, quando Ovando e Julian chegam a Jaraguá, com mais de trezentos homens e setenta cavalos, Anacaona os recebe com hospitalidade, oferecendo-lhes hospedagem, comida, bailes, cânticos e festas públicas. Ovando acredita, em um primeiro momento, nas boas intenções da cacica, mas Julian o convence de que tudo era uma farsa e que, na verdade, os caciques planejavam assassinar todos os espanhóis. Conforme detalha o narrador, no dia da grande festa, 84 caciques estavam reunidos na residência de Anacaona. Durante o torneio, Ovando soa um clarim de guerra como sinal para que seus homens atacassem os chefes indígenas e seu povo. Enquanto a batalha acontece, Anacaona grita a Ovando questionamentos sobre aquela cruel injustiça. A cacica é acorrentada e aprisionada em uma casa próxima dali, enquanto os homens de Ovando arrancam, violentamente, confissões dos caciques. O recinto onde mantinham os chefes taínos começa a pegar fogo.

Alguns dias depois, segundo relata o narrador, a personagem Mendez volta a Jaraguá para falar com o governador. Nessa ocasião, a voz narrativa apresenta ao leitor o destino ao qual Anacaona havia sido submetida, conforme apresentado no fragmento abaixo:

*[...] la bondosa, la noble Anacaona, la fiel amiga de los españoles, habia sido convencida de traicion por las declaraciones que el tormento habia arrancado á varios de sus compatriotas, y acababa de morir en una horca. Muchos españoles la lloraron; pero estas lágrimas no pudieron lavar el borron que Ovando echó sobre su nombre y su memoria (Orellana, 1860, p. 511).<sup>7</sup>*

Na sequência da diegese, a morte da personagem Colombo é narrada. Ele padece de uma doença enquanto estava vivendo na Espanha. Com a saúde cada vez mais precária, deixa um testamento e se despede antes de partir. Uma das personagens que se despede de Colombo é Higuamota, que havia ido à Espanha junto ao seu amado Hernando. Nessa situação, a filha de Anacaona despede-se do Almirante com grande afeto, conforme o diálogo transcrito abaixo:

*– Yo no pido mas que verle: yo le amo, porque él no habría consentido la muerte de mi madre, ni la ruina de mi patria.*

---

<sup>7</sup> Nossa tradução: A gentil e nobre Anacaona, fiel amiga dos espanhóis, foi acusada de traição pelas declarações que as torturas haviam extraído de vários de seus compatriotas, e acabara de morrer em uma forca. Muitos espanhóis lamentaram por ela; mas essas lágrimas não conseguiram lavar a mancha que Ovando deixou em seu nome e em sua memória (Orellana, 1860, p. 511).

– *Es Emilia, dijo Hernando de Guevara: es mi esposa.*  
– *Haced que entre, repuso Colon.*  
*Higuamota, vestida como las señoras españolas, entró timidamente en la estancia.*  
– *Noble hija de la mas noble princesa de Haiti, le dijo el Almirante; si vienes á perdonar á este anciano moribundo los males que involuntariamente ha causado á tu familia y á tu patria, yo te lo agradezco de todo corazon. Perdóname, sí; pues yo también he vertido lágrimas por la memoria de Anacaona, y sobre las ruinas de tu patria.*  
– *Yo, señor, respondió Higuamota, solo he venido á rogar á Dios por vuestra salud* (Orellana, 1860, p. 523).<sup>8</sup>

A diegese de Orellana (1860) termina com a despedida de Colombo aos seus irmãos e amigos. Depois de deixar seu testamento e receber a extrema unção de um frei, Colombo morre, e a voz narrativa descreve que ele “*habia muerto para vivir siempre*” (Orellana, 1860, p. 524).<sup>9</sup>

Passamos, agora, à apresentação da diegese de *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat. Para apresentar a história de Anacaona, a obra estabelece o registro dos dias com base em um calendário lunar de 21 dias. A narrativa da obra é construída, portanto, na forma de diário, por meio de uma voz autodiegética, em nível intradiegético (consoante a Genette, 2007), pela narração da própria personagem Anacaona.

A diegese inicia na “*tobacco harvest season first quarter moon, day 1*” (Danticat, 2015, p. 5),<sup>10</sup> com a apresentação da personagem principal: “*I am Anacaona. In my language, the Taíno language, ana means ‘flower’ and caona means ‘golden’. Thus I am called the ‘golden flower’*” (Danticat, 2015, p. 5).<sup>11</sup> O relato híbrido apresenta alguns episódios rotineiros da vida dessa mulher taína, como seus afazeres diários, trabalhos na plantação e descrições de Xaraguá, reino onde vive. Anacaona explica

---

<sup>8</sup> Nossa tradução: – Só gostaria de vê-lo: amo-o, porque ele não teria consentido com a morte de minha mãe, nem com a ruína do meu país.

– É Emília, disse Hernando de Guevara: ela é minha esposa.

– Deixe-a entrar, respondeu Colombo.

Higuamota, vestida como uma dama espanhola, entrou timidamente na sala.

– Nobre filha da mais nobre princesa do Haiti, disse-lhe o Almirante; se viestes perdoar este velho moribundo pelos males que ele, involuntariamente, causou à sua família e ao seu país, agradeço-lhe de todo o coração. Perdoe-me, sim; pois eu, também, derramei lágrimas pela memória de Anacaona e pelas ruínas do seu país.

– Eu, senhor, respondeu-lhe Higuamota, só vim orar a Deus pela sua saúde (Orellana, 1860, p. 523).

<sup>9</sup> Nossa tradução: Havia morrido para viver para sempre (Orellana, 1860, p. 524).

<sup>10</sup> Nossa tradução: Temporada de colheita do tabaco, primeiro quarto minguante, dia 1 (Danticat, 2015, p. 5).

<sup>11</sup> Nossa tradução: Eu sou Anacaona. Na minha língua, a língua taína, *ana* significa “flor” e *caona* significa “dourada”. Por isso sou chamada de “flor dourada” (Danticat, 2015, p. 5).

que o direito à liderança desse reino será herdado, um dia, por ela e por seu irmão, Behechio, pois sua avó havia sido líder. O atual chefe é Matunherí, tio de Anacaona e Behechio.

Anacaona posiciona-se, sempre, como uma mulher que reconhece sua força, seus direitos e deveres perante seu povo. Ela confessa que gostaria de se casar com alguém que lhe oferecesse as mesmas condições que teria que renegar caso deixasse Xaraguá, conforme lemos em:

*I pray there will never be a battle between Behechio and myself for authority over Xaraguá, but I must accept that should he marry, he will stay here among our people and close to our uncle, but should I marry – as I eventually will – I will have to leave Xaraguá. In light of Behechio's marriage, I have decided that I will only marry on the condition that the status of the man I am joined with is equal to my own, one with powers that are equal to those I must surrender here in Xaraguá (Danticat, 2015, p. 33).<sup>12</sup>*

Anacaona decide, então, aliar-se a Caonabó e fortalecer ambos os reinos. Porém, ela toma essa decisão de maneira consciente e por escolha própria, conforme explica:

*At that moment, I realized it was Behechio and not I who would rule Xaraguá. In my mind, I surrendered sole authority to him, just as I would something I was holding in the palm of my hand. Xaraguá was now Behechio's to rule, not mine. And I was glad it was I who had made that decision, not him not Matunherí (Danticat, 2015, p. 70).<sup>13</sup>*

Na continuação da diegese, o tio de Anacaona morre e ela engravida de Caonabó. Sua filha nasce e é nomeada Higuamota. Anacaona conta que sua avó havia previsto a chegada de homens de pele branca à ilha. A narrativa apresenta, então, a chegada desses homens: “*The pale men have reached our shores. We were awakened at dawn by clamorous voices like none I have ever heard and the sight of men unlike any I have ever seen. They were tall, nearly twice our size*” (Danticat, 2015, p. 127).<sup>14</sup>

Segundo relata a narradora, quando os homens pálidos encontram os habitantes de Maguana, apontam para eles alguns bastões de metal que pareciam ocos, dos quais atiram explosões de luz no ar

---

<sup>12</sup> Nossa tradução: Rezo para que nunca haja uma batalha entre Behechio e eu pela autoridade sobre Xaraguá, mas devo aceitar que, caso ele se case, ficará aqui entre nosso povo e perto de nosso tio, mas se eu me casar – como eventualmente farei – terei que sair de Xaraguá. À luz do casamento de Behechio, decidi que só me casarei com a condição de que o status do homem com quem eu me una seja igual ao meu, com poderes iguais aos que devo entregar aqui em Xaraguá (Danticat, 2015, p. 33).

<sup>13</sup> Nossa tradução: Naquele momento, percebi que seria Behechio e não eu quem governaria Xaraguá. Em minha mente, entreguei a autoridade exclusiva a ele, assim como faria com algo que segurava na palma da minha mão. Xaraguá agora era de Behechio para governar, e não minha. E fiquei feliz por ter sido eu mesma quem tomou essa decisão, não ele, não Matunherí (Danticat, 2015, p. 70).

<sup>14</sup> Nossa tradução: Os homens pálidos chegaram à nossa costa. Fomos acordados de madrugada por vozes clamorosas como nenhuma que já havia ouvido e pela visão de homens diferentes de todos que já vi. Eles eram altos, quase o dobro do nosso tamanho (Danticat, 2015, p. 127).

e assustam as pessoas. Quando Caonabó ordena que seu grupo permaneça em formação, os homens pálidos baixam suas armas e começam a se aproximar dos taínos, tocando em alguns ornamentos de ouro que os guerreiros usavam em torno de seus pescoços e braços. Esses estrangeiros falavam uma língua que não era compreensível ao povo local. Ao apontar suas armas aos guerreiros, pedem que lhes entreguem os objetos de ouro que levavam.

Caonabó pede, então, para servirem comida àqueles homens. Nesse momento, Anacaona reflete sobre suas impressões de advertência com relação aos visitantes, conforme lemos em:

*Whoever they were, they were not familiar with our customs. For then the servants brought them Caonabó's most beautiful chair, they did not receive this great honor by immediately sitting on the chairs, but walked around them and greedily tried to wrench pieces of gold from them with their bare hands. This is when our visitors' intentions became clear to me. They were neither spirits nor gods. They were not looking for courtesies, allies, or friends. They were only looking for gold* (Danticat, 2015, p. 131).<sup>15</sup>

No discurso do relato fica claro que, com medo do que está por vir, Anacaona pergunta a si mesma: “*What if there are more of them? Many, many more of them? Even more of them than there are of us, just waiting to attack and destroy us for our gold?*” (Danticat, 2015, p. 136).<sup>16</sup> Após serem obrigados a buscar por ouro para o grupo de colonizadores, os taínos preparam um ataque a esses homens, liderados por Caonabó, Anacaona e Manicaotex. Eles ateam fogo no forte onde os homens brancos dormiam e, apesar de perderem muitos taínos no combate, destroem o alojamento e não deixam quase ninguém vivo.

Anacaona expressa seu desejo de que os homens brancos não voltem para se vingar, pois seu povo taíno continuará defendendo-se para sobreviver, assim como fazem com outros grupos que os atacam, como seus inimigos Kalinas. Pelo menos por enquanto, os taínos haviam sido vitoriosos. Anacaona conta a seu povo sobre a batalha e a vitória contra os homens brancos. No entanto, expressa seu desejo de que a história dos taínos continue sendo ouvida pelas próximas gerações, não somente

---

<sup>15</sup> Nossa tradução: Quem quer que fossem, não conheciam os nossos costumes. Pois quando os criados lhes trouxeram as cadeiras mais belas de Caonabó, eles não receberam esta grande honra sentando-se imediatamente nas cadeiras, mas andando em volta delas e tentando, avidamente, arrancar-lhes peças de ouro com as próprias mãos. Foi então que as intenções dos nossos visitantes ficaram claras para mim. Eles não eram espíritos nem deuses. Eles não procuravam cortesias, aliados ou amigos. Eles estavam apenas buscando ouro (Danticat, 2015, p. 131).

<sup>16</sup> Nossa tradução: E se houver mais deles? Muitos, muitos mais deles? Ainda mais deles do que nós, apenas esperando para nos atacar e nos destruir pelo nosso ouro? (Danticat, 2015, p. 136).

pelos combates que travaram. Com esse pedido, a diegese finaliza, enfatizando a importância de valorizarmos as culturas ancestrais de diferentes povos, como a dos taínos. Apresentamos, na sequência deste texto, nossa análise comparativa dessas duas obras.

A obra *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), do escritor espanhol Francisco José Orellana, é considerada um romance histórico tradicional e apresenta um viés acrítico com relação à historiografia tradicional europeia, como era majoritariamente comum na produção híbrida do romantismo, segundo os estudos de Menton (1993), de Fernández Prieto (2003) e de Fleck (2017). Segundo Fleck (2017), dentre as características do romance histórico tradicional, está a intenção de ensinar a versão histórica hegemônica do passado ao leitor, assim como exaltar na escrita romanesca as personagens já consagradas como heróis na historiografia.

A diegese de Orellana (1860) configura a personagem Anacaona de maneira submissa perante as figuras masculinas, especialmente às dos colonizadores espanhóis. A voz narrativa descreve-a como “quase branca”, “*de un perfil correcto, aunque de tipo indio*” (Orellana, 1860, p. 13),<sup>17</sup> para aproximá-la aos padrões do colonizador europeu, com destaque à pele clara e ao perfil “correto”. Esse discurso ajusta-se à intencionalidade do romance tradicional acrítico de Orellana de transformar a cacica em uma especial colaboradora dos propósitos espanhóis, enquanto o discurso romanesco, movido pelas intrigas do trio amoroso Higuamota – Hernando – Julian, distrai os leitores, como era esperado e comum nessa época.

Nesse relato ficcional, a cacica apresenta-se como amiga dos espanhóis e lhes pede ajuda para controlar os ímpetus de violência do seu marido, Caonabó, afirmando que “– *Yo amo á los blancos y no quiero su muerte: vengo á salvarte á tí y á los tuyos, porque soy agradecida*” (Orellana, 1860, p. 13).<sup>18</sup> Ela também é caracterizada, em muitos momentos, como uma mulher fraca, como quando afirma: “*Si Caonabó no obedeciese á los impulsos de sus pasiones acaloradas [...] yo, débil mujer, olvidaría los ultrajes que me ha hecho, colgaría un carcaj á mi espalda, tomaría el arco y combatiría á su lado*” (Orellana, 1860, p. 18).<sup>19</sup> Em outros, é representada como uma líder destemida, porém sempre ao lado de uma figura masculina, conforme vemos em:

---

<sup>17</sup> Nossa tradução: de forma correta, embora como indígena (Orellana, 1860, p. 13).

<sup>18</sup> Nossa tradução: Amo os brancos e não quero a morte deles: venho salvar a você e aos seus, porque lhes sou grata (Orellana, 1860, p. 13).

<sup>19</sup> Nossa tradução: Se Caonabó não obedecesse aos impulsos de suas paixões acaloradas [...] eu, uma mulher fraca, esqueceria os insultos que me fez, penduraria uma aljava nas costas, pegaria o arco e lutaria ao seu lado (Orellana, 1860, p. 18).

[...] *avanzaron guiados por Caonabó y por la intrépida Anacaona, que se tenia en pié sobre el palaquin, agitando su espada y dando alientos á sus guerreros. Cumplia su palabra: ella, la tierna Flor-de-Oro, la amiga de los españoles, la partidaria de la paz, habia prometido pelear en defensa de su patria, y daba muestras de su valor permaneciendo serena en medio del peligro* (Orellana, 1860, p. 122).<sup>20</sup>

Essa construção ideológica em torno da figura feminina, típica das escritas movidas pela ideologia do patriarcado, bastante comum no século XIX no qual a obra de Orellana (1860) foi produzida, é uma das representações à qual o feminismo decolonial se opõe. Segundo Vergès (2020), os feminismos de política decolonial apoiam-se na longa história de luta das mulheres e de suas antepassadas, figuras autóctones durante a colonização, reduzidas à escravidão, negras, racializadas e que lutam, diariamente, até os dias de hoje. Essa construção ficcional de Anacaona, de 1860, reforça uma realidade do século XIX existente até a atualidade, na qual “o complexo racismo/sexismo/eticismo impregna todas as relações de dominação” (Vergès, 2020, p. 30).

Assim como Vallejo (2015) aponta em sua pesquisa sobre as ideologizações da figura de Anacaona, uma das construções imaginárias (ou mitos) em torno dessa mulher taína é a de pacificadora, que tentou estabelecer relações amigáveis com os colonizadores. Essa imagem favorece a idealização da cacica, mesmo no discurso colonialista, em detrimento da depravação da figura de seu marido, o guerreiro Caonabó que, assim, inclusive, edifica-se nesse discurso como alheio às súplicas de sua esposa, tornando-se, dessa maneira, o típico “bode-expiatório” dos colonizadores.

Em contraste, a obra de Danticat (2015) é classificada como um romance histórico contemporâneo de mediação – na perspectiva teórica de Fleck (2017), que amplia a de Menton (1993) e de Esteves (2010) – pois consiste em um relato híbrido que não se vale dos experimentalismo linguísticos e formais e as ações de desconstrução dos discursos e das personagens consagrada na historiografia tradicional – ações típicas do novo romance histórico latino-americano –, mas prioriza a ação de dar espaço de representação e de expressão às personagens relegadas às margens nos registros oficializados sobre o passado.

---

<sup>20</sup> Nossa tradução: [...] avançavam guiados por Caonabó e pela intrépida Anacaona, que ficava no palanquim, brandindo a espada e encorajando seus guerreiros. Mantinha sua palavra: ela, a terna Flor-de-Oro, a amiga dos espanhóis, a defensora da paz, prometeu lutar em defesa da sua pátria e mostrou coragem ao manter a calma no meio do perigo (Orellana, 1860, p. 122).

Nessa diegese, a personagem Anacaona é configurada como uma mulher forte e independente, características que se mostram presentes desde o início da narrativa, quando Anacaona explica que o direito à liderança do reino de Xaraguá será herdado, um dia, por ela e por seu irmão, Behechio, pois sua avó havia sido líder. Em vários momentos da diegese, essa sucessão de Anacaona ou Behechio à liderança é descrita como equivalente, sem a menosprezar perante a figura masculina de seu irmão. Podemos notar essa igualdade no seguinte questionamento de Anacaona:

*When telling a story like this, I often ask myself, What will I be called in the future? Will I be ruler of Xaraguá, or Toa? As my uncle's days grow close to their end, will he choose me to rule Xaraguá or will he favor Behechio? All I know is whether as cacica or mother, whatever I do will always be for the good of my people (Danticat, 2015, p. 15).<sup>21</sup>*

Essa configuração revela uma mulher consciente de sua força, dever e posição, alinhando-se muito mais às atuais ideologias que, aos poucos, libertam-se do patriarcalismo, como expressa Galindo (2013, p. 138), ao afirmar que “*desde una lectura creativa y renovadora sobre el universo de las mujeres, instala nuevos horizontes transformadores y subversivos*”, ou das questões racializadas, como defende Lugones (2014, p. 940), ao mencionar que “[...] descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social”.

Ao mesmo tempo em que Anacaona se posiciona como possível herdeira para chefiar Xaraguá, em igualdade com seu irmão, ela também difere os dois papéis que uma mulher pode assumir: o de chefe e/ou o de mãe. A construção dessa personagem enfatiza, durante toda a diegese, seu potencial como mulher, sua liberdade de escolha e sua relação de igualdade perante outras figuras masculinas. Essa representação literária é uma atitude de enfrentamento ao que as mulheres, não apenas as indígenas, já foram e ainda são submetidas. Sobre a opressão sofrida pelas mulheres nativas americanas, Martínez Miguélez (1994) afirma que

*[...] los conquistadores y colonizadores provenían de culturas de opresión de las mujeres, de tal manera que lo sucedido en este proceso histórico ha significado para las mujeres una suerte de sincretismo patriarcal. En este sentido, la cultura occidental impuesta solo sería*

---

<sup>21</sup> Nossa tradução: Ao contar uma história como essa, muitas vezes me pergunto: como serei chamada no futuro? Serei a chefe de Xaraguá, ou Toa? À medida que os dias de meu tio se aproximam do fim, ele me escolherá para governar Xaraguá ou favorecerá Behechio? Só sei que, como cacica ou como mãe, o que eu fizer será sempre para o bem do meu povo (Danticat, 2015, p. 15).

*culpable de profundizar relaciones de opresión hacia las mujeres previamente existentes*  
(Martínez Miguélez, 1994, p. 21).<sup>22</sup>

Ou seja, o apagamento de figuras como Anacaona, ao longo da história, reflete a posição subalterna na qual as mulheres, de forma geral, foram alocadas nesse sistema opressor patriarcal previamente existente em diferentes sociedades. Essa configuração não se restringe à marginalização de personagens femininas autóctones na historiografia tradicional europeia do século XVI. Essa é uma problemática que extravasa os registros da colonização.

Outro aspecto constatado na análise comparativa das obras é o protagonismo da personagem Anacaona. No relato ficcional de Danticat (2015), a líder taína pode ser considerada personagem protagonista, o que se justifica não apenas pela escolha da voz narrativa autodiegética dessa personagem, mas, também, por suas ações, perspectivas e relatos, que situam sua figura sempre no primeiro plano da diegese. No romance histórico tradicional de Orellana (1860), consideramos possível classificar a personagem Cristóvão Colombo como a verdadeira protagonista. Apesar de Anacaona receber bastante foco, Colombo é representado como um herói e sua figura é exaltada ao longo de toda a diegese.

Essa constatação fica clara na análise comparativa das descrições das mortes dessas personagens no romance de Orellana (1860), por exemplo – enquanto o enforcamento de Anacaona é descrito sem muitas alegorias ou detalhes, o falecimento de Colombo recebe grande enaltecimento, não apenas provenientes da voz narrativa, a qual afirma que ele “*había muerto para vivir siempre*” (Orellana, 1860, p. 524),<sup>23</sup> mas, também, pelas palavras da própria filha de Anacaona, Higuamota, outra figura feminina submissa à soberania masculina neste romance, que o visita em seu leito de morte e tece comentários enaltecidos ao navegante espanhol.

Essa manipulação do discurso, presente na diegese de Orellana (1860), corroborou o enaltecimento de figuras como a do navegador Cristóvão Colombo nos registros da história

---

<sup>22</sup> Nossa tradução: Os conquistadores e colonizadores vieram de culturas de opressão das mulheres, de tal forma que o que aconteceu neste processo histórico significou, para as mulheres, uma espécie de sincretismo patriarcal. Nesse sentido, a cultura ocidental imposta só seria culpada de aprofundar as relações de opressão anteriormente existentes em relação às mulheres (Martínez Miguélez, 1994, p. 21).

<sup>23</sup> Nossa tradução: Havia morrido para viver para sempre (Orellana, 1860, p. 524).

tradicional hegemônica, ação vista como comum e típica do romance histórico tradicional (Menton, 1993; Fleck, 2017). Desde o começo do nosso ingresso na história Ocidental, a retórica da modernidade/civilidade, como aponta Mignolo (2017a), sempre escondeu o seu lado mais escuro: as premissas da colonização e da colonialidade – a exploração, a dominação, a escravização, a desvalorização dos outros, a matança desenfreada de todos que não se ajustassem ao “ideal” colonizador. Essa ideologia desenvolveu as retóricas que estenderam os princípios do colonialismo para a atual colonialidade, remanescente nos territórios antes dominados, causando os efeitos da subjugação psicológica, do racismo estrutural, da autoinferiorização dos não brancos.

Esses são efeitos de um discurso e de um processo que levam a muitos dos sujeitos latino-americanos a se considerarem, até hoje, inferiores por questões de etnia, sexismo, religiosidade e sexualidade. Daí resulta a importância de se buscar, no espaço latino-americano, a formação de um leitor literário decolonial, ou seja, um sujeito que, como defende Fleck (2023; 2025), reconhece seu passado colonial e o lugar ao qual foi destinado por esse processo e, por se “rebelar contra o lugar a que sempre foi confinado pelos detentores do poder (ou dos poderes instituídos), acaba por descolonizar seu pensamento, isto é, pensar em uma lógica outra que aquilo que foi estabelecido como cânones de pensamento” (Fleck, 2023, p. 23).

Demonstramos, assim, o contraste existente entre o viés acrítico em Orellana (1860) – típico dos romances históricos tradicionais, de acordo, também, com Fernández Prieto (2003), que afirma que as escritas tradicionais do romance histórico preservaram os dados historiográficos precedentes – e o viés crítico mediador em Danticat (2015) – de acordo com Fleck (2017) –, por esse se tratar de um romance que não é, de fato, desconstrucionista como são os novos romances históricos, mas, igualmente, crítico em relação à historiografia tradicional hegemônica europeia sobre o período da colonização da América, durante os séculos XV e XVI. As duas obras revisitam, de maneiras distintas, a memória do povo taíno, o massacre de Xaraguá e o enforcamento da cacica Anacaona.

Em Orellana (1860), há a tentativa de inocentar a personagem Ovando pelo massacre, culpabilizando a personagem Julian pela falsa acusação de que os caciques taínos reunidos em Xaraguá estavam planejando assassinar todos os espanhóis. A voz narrativa conta que Ovando quer acreditar nas boas intenções da cacica Anacaona, que os havia recebido em suas terras, mas acaba sendo convencido

por Julian do contrário e, por isso, leva a cabo o ataque àquela comunidade taína e a posterior execução de Anacaona. A culpabilização de outra personagem pelo rumor da traição dos taínos é uma estratégia de edificação também da personagem Ovando, assim como a diegese faz com a imagem de Cristóvão Colombo. Tais atitudes escriturais, justificadoras das atrocidades dos colonizadores, são inerentes a toda a retórica da modernidade/civilidade, “uma estrutura de controle e administração de autoridade, economia, subjetividade e normas de relações de gênero e sexo, que eram conduzidas pelos europeus [...]” (Mignolo, 2017b, p. 4-5).

A ficcionalização da morte de Anacaona na obra de Orellana (1860) não recebe muita atenção e se reduz a um parágrafo. Em contraposição, a morte de Colombo é narrada com pormenores, por meio de uma narrativa romantizada, que fortalece a edificação da imagem dessa personagem. A representação ficcional do genocídio dos taínos liderados por Anacaona e do enforcamento da cacica, nesse romance histórico tradicional, é uma das exemplificações mais claras do caráter acrítico da obra, assim como o enaltecimento de personagens igualmente exaltados na historiografia tradicional europeia. O romance de Orellana (1860) descreve o genocídio sofrido pelas comunidades nativas, mas, ao mesmo tempo, reforça o caráter exaltador da “conquista” espanhola na América, da mesma maneira que faziam os cronistas e exploradores dos séculos XV e XVI.

Ao final da obra de Danticat (2015), há um epílogo, narrado por uma voz heterodiegética, no nível extradiegético, que se volta ao material histórico sobre a colonização de Guanahani/“*La Española*” pelos espanhóis, segundo os registros da historiografia tradicional, conforme lemos:

*Unfortunately, this was not the last that Anacaona saw of the Spanish invaders. A few months later, their supreme leader, Christopher Columbus, returned from Spain with seventeen ships, 1700 men, ammunition, hunting dogs, and horses. In revenge for the attack on Columbus's settlement in Chief Guacanagari's territory – a settlement the Spaniards had named La Navidad (The Nativity), since it was established on Christmas Day – Chief Caonabó was captured by Columbus's men (Danticat, 2015, p. 157).<sup>24</sup>*

---

<sup>24</sup> Nossa tradução: Infelizmente, esta não foi a última vez que Anacaona viu os invasores espanhóis. Poucos meses depois, seu líder supremo, Cristóvão Colombo, retornou da Espanha com dezessete navios, 1.700 homens, munições, cães de caça e cavalos. Em vingança pelo ataque ao forte de Colombo no território do cacique Guacanagari – assentamento que os espanhóis chamavam *de La Navidad* (A Natividade), por ter sido estabelecido no dia do natal – o cacique Caonabó foi capturado pelos homens de Colombo (Danticat, 2015, p. 157).

A amálgama de material ficcional e histórico construída na obra de Danticat (2015) sobre o período da colonização evidencia as pretensões decoloniais desse projeto literário. Segundo Mignolo (2007, p. 30), “*el pensamiento decolonial tiene como razón de ser y objetivo la decolonialidad del poder (es decir, de la matriz colonial de poder)*”.<sup>25</sup> Ainda no século XXI, obras como a de Danticat (2015) reforçam esse pensamento decolonial e, por conseguinte, rompem com ideologias colonialistas que continuam mantendo matrizes centralizadoras do poder, até os dias de hoje, no imaginário e na identidade de muitas nações.

Fleck (2017) aponta que o processo de tomada de posse do território americano, pelas monarquias europeias no século XV e XVI, não foi apenas um processo de territorialização geográfica, mas, fortemente, também psicológico e cultural, que estendeu o domínio europeu sobre o imaginário americano, sobre as mentes dos povos originários, em ações conjuntas entre o poder monárquico e o eclesiástico. Por isso, o pesquisador defende a necessidade, na atualidade, de ações que levem à desterritorialização do espaço e do imaginário colonialista, por meio de estudos que levem ao conhecimento das culturas que deram origem às atuais sociedades constituídas nas antigas colônias.

O apagamento da figura de Anacaona é uma das representações latentes desse domínio do imaginário europeu produzido pelo colonialismo, que perdura nas nações latino-americanas que vivem ainda sob os ditames da colonialidade. Suas ficcionalizações críticas e de mediação no universo literário são tentativas de romper com essa territorialização do espaço e do imaginário com preceitos colonialistas, sobre a qual Fleck (2017) escreve, da mesma maneira que investigações decoloniais intentam fazer. Desse modo, os projetos estéticos literários decoloniais e os estudos decoloniais são ações, em primeira instância, de desterritorialização, de descolonização das mentes, do imaginário e das identidades latino-americanas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, e *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat, ficcionalizam a personagem histórica Anacaona, cacica taína da ilha de Guanahaní, local nomeado por Cristóvão Colombo como “*La*

---

<sup>25</sup> Nossa tradução: O pensamento decolonial tem como razão de ser e objetivo a decolonialidade do poder (isto é, da matriz colonial do poder) (Mignolo, 2007, p. 30).

*Española*”, quando este aportou, em 1492, pela primeira vez, no continente americano, em uma expedição financiada pelos reis católicos – Isabel, de Castela, e Fernando II, de Aragão, os quais unificaram o território, atualmente, reconhecido como a Espanha. Essa personagem, representante do poderio feminino autóctone na América Latina, foi majoritariamente subjugada e excluída dos registros da história tradicional hegemônica escrita pelos navegantes e cronistas europeus dos séculos XV e XVI, em uma ação colonialista que, pela retórica da modernidade/civilidade, apagou de seus registros os sujeitos resilientes às ações dos colonizadores.

Romances históricos como os que analisamos neste artigo constroem diferentes representações ficcionais em torno da imagem dessa nativa por pertencerem a fases distintas da trajetória diacrônica do gênero e se constituírem em modalidades expressivas híbridas diferentes, segundo os estudos de Fleck (2017): uma é tradicional acrítica e a outra é crítica/mediadora. Elas também se diferenciam pela ideologia que move a sua escrita, segundo Fleck (2017): uma é colonialista, que busca exaltar as ações de colonização europeia e seus agentes, e a outra se constitui em um projeto estético decolonial, que revisa criticamente o passado da América Latina.

Na diegese de *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, obra considerada um romance histórico tradicional, a participação de Anacaona nos encontros entre taínos e espanhóis no continente americano é construída sob uma perspectiva acrítica, que corrobora com a historiografia tradicional hegemônica, e exalta figuras como a de Cristóvão Colombo. A líder taína é retratada como uma mulher submissa às personagens masculinas, que apoia os colonizadores e se volta contra o próprio marido, Caonabó.

O romance histórico contemporâneo de mediação *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat, representa a história do povo taíno de maneira crítica perante a historiografia tradicional hegemônica. Narrado em um nível intradieético, pela voz autodieética da própria Anacaona, o relato ficcional de Danticat (2015) configura essa personagem como uma mulher independente, em nível de igualdade com as personagens masculinas, que faz suas próprias escolhas e luta, ao lado de seu povo, contra os homens brancos que invadem suas terras e matam muitos taínos.

A imagem dessa líder nativa, retratada nos romances analisados, ainda não é amplamente conhecida no âmbito da América Latina. É por essa razão que obras contemporâneas como a de Danticat (2015) configuram projetos decoloniais necessários à sociedade latino-americana, na qual

ainda resistem as reminiscências de uma colonialidade que foi construída durante os últimos séculos, e que está representada em obras colonizadoras e acrílicas como a de Orellana (1860).

Apesar de Anacaona haver sido uma das únicas figuras femininas representativas da liderança e resistência autóctone perante a colonização da América Latina nos séculos XV e XVI, sua imagem continua sendo minimizada e subjugada do imaginário popular, assim como aconteceu nos registros oficializados da historiografia tradicional sobre a história do nosso continente.

## REFERÊNCIAS

ÁINSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*, n. 240, p. 82-85, 1991.

ANGHIERA, Pietro Martire d'. *De Orbe Novo, the eight decades of Peter Martyr D'Anghera (volume I)*. Tradução de Francis Augustus MacNutt. New York: Knickerbocker Press, 1912.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

DANTICAT, Edwidge. *Anacaona: golden flower*. New York: Scholastic Inc., 2005.

ESTEVES, Antônio Roberto. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FANON, Frantz. *Los condenados de la tierra*. 7. reimp. Tradução de Julieta Campos. Prefácio de Jean-Paul Sartre. México: FCE, 1983.

FERNÁNDEZ PRIETO, Célia. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. 2. ed. Navarra: Universidad de Navarra, 2003.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, Gilmei Francisco. Leituras de narrativas híbridas de história e ficção: A formação do leitor literário decolonial no Ensino Fundamental – vias à descolonização. In: FLECK, Gilmei Francisco; CORBARI, Clarice Cristina (Orgs.). *Narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras: leituras*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, p. 13-61.

FLECK, Gilmei Francisco. *A formação do leitor literário decolonial: vias à descolonização das mentes, das identidades e do imaginário na América Latina*. Campinas: Pontes Editores, 2025.

GALINDO, María. *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar: teoría y propuesta de la despatriarcalización*. La Paz, Bolívia: Mujeres Creando, 2013.

KLOCK, Ana Maria. *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem*. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/5661>. Acesso em: 04 ago. 2025.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Acesso em: 13 abril 2025.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura – un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Siglo del Hombre Editores: Bogotá, 2007. p. 25-46.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jul. 2025.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017b. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em: 3 abr. 2025.

ORELLANA, Francisco José. *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)*. Barcelona: Imprenta del Porvenir, 1860.

PASTOR, Beatriz. *Discurso narrativo de la conquista de América*. Havana: Casa de las Américas, 1983.

TORREJÓN, José Miguel Martínez. *Bartolomé de Las Casas: Brevíssima relación de la destrucción de las Indias*. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2011.

TUDELA BUESO, Juan Perez de. *Obras escogidas de Fray Bartolome De Las Casas: Historia de las Indias*. Madrid: Atlas, 1957.

VALLEJO, Catharina Vanderplaats de. *Anacaona: la construcción de la cacica taína de Quisqueya: quinientos años de ideologización*. Santo Domingo: Banco Central de la República Dominicana, 2015.

VARELA, Consuelo. *Cristóbal Colón: textos y documentos completos*. Ed. Consuelo Varela e Juan Gil. 3. ed. Madrid: Alianza, 1997.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

Recebido em: 30/06/2025

Aceito em: 10/08/2025

**Tatiane Cristina Becher:** Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, em regime de cotutela com a Universidad de Vigo - UVigo, na Espanha. Integrante do grupo de pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização". Mestre em Letras pela Unioeste. Licenciada em Letras - Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Unioeste.

**Gilmei Francisco Fleck:** Possui Pós-doutorado (2015) em Literatura Comparada e Tradução, pela Universidade de Vigo-UVigo-Espanha, com Bolsa da CAPES; Mestrado (2005) e Doutorado (2008) em Letras, pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis. Atualmente, é Professor de Literaturas Hispânicas e Cultura Hispânica na graduação em Letras da Unioeste, campus de Cascavel-PR. Atua também no Programa de Pós-Graduação acadêmico em Letras da instituição, na área de Literatura Comparada e Tradução, e no Programa de Pós-Graduação "Mestrado Profissional-Profletras", na área de Literatura Infantil e Juvenil.